

Jornal das Senhoras – Tomo V. – 18 de junho de 1854 – Edição 25
Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00025.pdf

3. ANNO.

TOMO V. — DOMINGO, 18 DE JUNHO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANNIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

Eis uma semana que se finda alegre e risonha, como o rosto de uma noiva. Tivemos bailes e *soirées*, theatros, festas de Igrejas, fogueiras, foguetes e muitos outros divertimentos. Bravo! desta vez o *mundo elegante* pulou de contentamento. Parece-me que o inverno já vai dando signal de que é chegado, e que toca-lhe a vez de dar animação ao mundo *fashionable*. Ainda bem: é necessario porém que a *febre dançante*, que nasceu com furor ha duas primaveras, continue este anno sem fazer remissão tão cedo, e que as quadrilhas, as valsas, e as schotisches tenham neste inverno um grande reinado, por que os nossos grandes salões têm-se resentido da verdadeira animação que lhes é mister.

O facto mais interessante da semana foi o brilhante *saráo* que o Sr. A. J. D. Ferreira deu dia de S. Antonio na sua chácara em S. Christovão. Uma boa parte da elegante sociedade do Rio de Janeiro ahi estava: foi uma das bellas funcções deste inverno, um grande e completo *soirée*, um elegante baile, aonde as nossas principaes bellezas conquislavão milhares de adoradores. Aos prazeres da dança reunirão-se as harmoniosas melodias dos nossos cantores lyricos, pois que os Srs. Labocetta, Ferranti, Gianini, Arnau, Barbieri, e as Sras. Cassaloni e Wariraud ahi estiverão, e ahi cantarão lindamente a satisfazer aos dilettantis. O Sr. Ferreira, obsequioso, com toda a sua família, distinguiu-se em tão guapa funcção, que para nada faltar,

depois de um bem servido chá, offereceu uma lauta e interessante cêa, capaz de desafiar o apetite ao maior indifferentista da arte de gastronomia.

Ha muito que não se dá uma tão bella funcção, e aonde as horas passassem-se tão rapidamente. Os *toilettes* do mais apurado gosto, e de maior brilhantismo, distinguão-se nos salões do Sr. Ferreira, que illuminados e adornados com luxo, estão fascinadores, por possuírem tantas bellas encantadoras. E todos retirarão-se satisfeitiísimos pelas obsequiosas maneiras dos donos da funcção.

No sabbado deu a sociedade *Sylphide* o seu baile deste mez. A vossa Francina, queridas leitoras, lá esteve, e tencionava descrever-vos todos os encantos que gozou nesse brilhante baile, quando recebeu de um jovem poeta, seu conhecido, moço de bastante intelligencia, e apreciado entre nós como um bello talento, uma descripção tão poética, que seria uma injustiça se eu vos não offerecera a sua leitura na *chronica dos salões*.

Eil-a, lêde e apreciái!

A SYLPHIDE.

Quanta harmonia, quanta vida, e quanta luz derramava-se nos pomposos salões do *Club Fluminense* na noite de 10 de junho!

Foi nesta noite em que a *Sylphide* deu seu baile fascinante; em que uma brilhante e escolhida sociedade

25

— 194 —

encheu os salões do *Club*, tão cheios de luxo; onde o ar que se respirava era doce e perfumado como as salas do palácio das fadas descriptas pelo conde de Florestai em sua viagem ao Levanto. Oh! quanta illusão deixou esse baile na mente do mancebo, que viu reunidos tantos anjos, e tantas fadas!..... e que ouviu tantas frases trocadas ligeiramente no rápido volteio de uma valsa!

A noite do baile da *Sylphide* foi uma noite de poesia, de mysterio, e de amor....

Estendião-se no salão principal do *Club* duas ordens de sofás azues adamascados, onde mollemente se reclinavão as lindas filhas de nossa terra, ostentando garbozas a formosura de seus rostos, que rivalisão em graça com esses bellos typos das Ciccassianas e Andaluzas, tantas

vezes descriptos pelos poetas; porém entre tantas moças bellas, só para mim cinco forão distinctas. Erão todas de rosto e *toilettes* differentes.

A primeira trajava um vestido de setim furta-cores, que lhe desenhava com garbo a fôrma esbelta de seu corpo bem feito: era um vestido decotado, que mostrava aos olhos ávidos uma flor branca, tão bem collocada, tão linda, tão viçosa.... que me causou inveja e ciúme. E eu mirei dessa virgem o bello rosto de jambo corado, e fitei seus olhos negros, negros como os diamantes pretos achados no Indo-China.

Troquei com ella algumas frases, e vi o poder de suas fallas, que pululavão de seus lábios divinos semelhantes ás notas quebradas de uma flauta ouvida no silencio de uma noite de luar. Esta formosa virgem tem um nome singello, chama-se A... É um dos anjos que embella o gracioso arrebalde do Rio Comprido.

A segunda era o fiel retrato do ideal de *Lord Byron*.

E se o poeta inglez a tivesse visto aqui no Brazil, diria, como faz o *visconde de Almeida Garrett* a um seu amigo falando de sua virgem—*não a vejas; porque si tu a vires, eu o digo, tu morres de amor!*.... e o mesmo vos digo; porque apenas a distingui entre as diversas moças que crusavão os salões parei ante ella, e crusando os braços admirei-a!! Então recordei-me de uma visão celeste que já tinha visto em meus sonhos, de porte altivo e soberano, como o della; de cabéllos negros em trancinhas, que sombreavão-lhe as faces de um amornado mais bello que jamais hei visto em rosto de mulher. E si Wandichy, como eu a houvera visto, se esqueceria dessa linda filha do Danúbio, por quem elle tanto penou de amores. Acharia em sua linda cabeça o dezenho que procurava para offerecer a Archiduqueza d'Austria. Não vos fallarei de seu olhar; porque não tenho em minha lingua frases de tanto fogo como o fogo que se derramou de seus olhos, quando fitarão os meus. Oh! o olhar della arrebatava, fascina, e mata! Quanto ao seu *toilette* era riquissimo. Trajava um vestido de seda côr de rosa com listras brancas desenhadas em circumferencia. Esta gentil-donzella é uma das mais bellas fadas que mora no pittoresco arrebalde de S. Christovão; e chama-se M....

A terceira era uma virgem, linda como os amores e tão singella como a flor dos campos. Trajava simplesmente um vestido de tarlatana côr do céu. Seu collo nú era tão formoso, como o do cysne branco; e contém todo o encanto, toda a poesia, que póde fallar ao coração de um poeta; tanto que um distincto Bardo, meu amigo, por muitas vezes a tem desenhado com vivas cores. Seu nome perguntai aos mancebos entusiastas, que frequentão nossos salões, que já a classificarão como uma estrella de luz que ostenta todo o seu brilho de quinze annos. É a linda B....

A quarta é uma senhora bella, delicada, e aristocrata; contém em si todos atractivos, e quando apparece nos salões, é só para causar inveja e patentear a felicidade do mancebo venturoso, que é seu marido. Seu *toilette* foi um dos mais ricos, e de melhor gosto. Trajava um vestido de seda azul transparente, guarnecido de rendas de blond, atravez do qual mostrava-se um outro côr de rosa. Essa linda moça é de cintura tão flexivel como a haste de uma flor. Chama-se Amari.

A quinta foi uma linda moça romântica, de rosto pallido, e olhos negros grandes e cheios de luz. Seus cabellos erão castanhos, e de um bello ondeado.

Encontrei-a sentada a sós n'um sofá que se destacava no angulo de um salão menos frequentado. Desenhava-se em sua physionomia doce e triste, uns visos de melancolia. Não sei porque ella sismava e não tomava parte no delírio do baile. Sentei-me junto della, e busquei saber a dôr que occupava seu coração de quinze annos. Quando eu a interroguei e que lhe fallei da fascinação de um baile, ella olhou admirada, e um sorriso melancólico veio errar em seus lábios desbotados. Ella perdeu ha pouco mais de um anno seu marido, no verdor dos annos na quadra mais bella da existência; quando elle contava vinte e cinco janeiros!....

Trajava um vestido de veludo preto que formava um bello contraste com a sua côr d'uma alvura deslumbrante. Seu nome esqueceu-me de perguntar-lhe; por isso não sei.

A ELLA.

Foi ao som de divina harmonia
Que no baile com ella dancei,
Que a tive um instante em meus braços
Que seu rosto formoso mirei.

Que fitei os seus olhos formosos
Mais brilhantes que todos os lumes,
Que no arfar de ligeira fadiga
Em seus lábios bebia perfumes.

Em que tive esse anjo cahido
Um instante no meu coração,
Nessa noite de lauta poesia
De mysterio, e de facinação.

E quando ella esse baile deixou
A minh'alma comsigo levou,
Hoje eu amo extremoso esse anjo,
Esse anjo que assim m'encantou.

O baile da *Sylphide* foi uma noite de recordações, e eu della terei sempre uma saudade!!
A descripção que acabais de lêr, queridas leitoras, inda que poeticamente feita, não está completa de todo, porque é injustiça esquecer-se o mimoso

— 195 —

toilette preto, que ha tempos fugido dos nossos salões, agora de novo volta a elles a brilhar, e a ostentar a formosura de uma rosa, e que esteve no baile da *Sylphide*, sempre bella e encantadora.

Também as duas irmãs da rua do Hospicio não podem ser olvidadas n'uma descripção, quando ellas, mimosas e lindas, como uma palmeira da nossa terra, ostentão todos os encantos de um Céu puro e sereno. A *travessa do baile* também lá estava; e ao lado da querida mãisinha, são duas formosas flores que brilhão sempre em nossos salões.

O baile da *Sylphide* menos concorrido, do que o do mez passado, esteve comtudo muito melhor; porque dançou-se mais á vontade; e com muita animação.

A *Sylphide* dá agora para o mez o seu baile extraordinario de inverno.

Por Deus! que este anno se festejou com todo o furor o milagroso Santinho da devoção de muitas de minhas amáveis leitoras. Por toda a parte havia uma capellinha, e um oratório erigido á Santo Antonio; as fogueiras crepitavão em muitos logares, e os foguetes, e os balões, subião ao ar com furor desmedido.

Mas que de sustos não teve a vossa Francina com a chuva da véspera de Santo Antonio! Na verdade não ha nada mais aborrecido do que uma chuvinha no dia de uma função qualquer, quanto mais na vespera de Santo Antonio em que houverão tantas funções!

Eu confesso que tive ódio á tal Sra. chuva; temia perder algumas horas que se me antolhavam tão cheias de prazeres; mas felizmente não tive medo do tempo, e passei uma bella noite. Em casa do Sr. Antonio dos Santos Neves houve uma pequena reunião, alegre e folgazona; divertiu-se a mais não poder. Tocou-se e cantou-se admiravelmente. Um joven brasileiro com sua voz tão harmoniosa, extasiou aos seus ouvintes.

Para o resto da semana houve na quarta feira os bailes do *Campestre* e da *Vestal*. O primeiro mais concorrido e animado, do que o do mez passado, teve muitas bellas e

interessantes senhoras: o segundo apresentou a novidade de baile lyrico. Antes de começarem as contradanças, duas lindas senhoras cantarão divinamente, e um jovem brasileiro extasiou aos seus ouvintes n'umas lindas variações de rabeca.

O baile da *Vestal* teve tudo quanto de bello e fascinador pôde ter um baile. Os *toilettes* brancos forão os que imperarão no salão, muito principalmente as duas jovens das lindas rosas brancas; o *toilette* de seda escoceza tambem era de gosto; e os *toilettes rosas* conquistarão milhares de adoradores.

E o que vos contarei mais? Que houve a procissão de Corpo de Deus na quinta feira, e fogo á noite no largo da Mãe do Bispo? Que as barracas continuão com as suas enchentes? Mas tudo isto encerra tão pouca poezia, que é monótono por demais relatar-vos; além de que, confesso-vos a verdade, a vossa Francina tem levado uma semana tão *folienta* que se acha mui fatigada, e por isso será desculpavel que ponha aqui um ponto final.

Adeus, queridas e amáveis leitoras, até domingo, não vos esqueçais um só momento da vossa.

Francina Oscenia.

Rio, 17 de Junho de 1854.

UM CASAMENTO CHINEZ.

A classificação dos casamentos em casamentos de razão e de inclinação não pode ser aplicada aos casamentos chinezes, porque, em geral, só depois que os laços estão irrevogavelmente apertados é que os esposos se avistão pela primeira vez. Na Europa, famílias illustres têm ás vezes feito contrahir esponsaes a crianças ainda no berço: os chinezes vão muito mais longe; casão filhos ainda não nascidos. Duas mulheres grávidas convencionão unir os filhos que trazem no seio, dão reciprocas arrhas em garantia de sua fé, e o exemplo assim contrahido é indissolúvel, salvo todavia se os contrahentes são do mesmo sexo, ou se um delles morre: a estes impedimentos de força maior acresce somente o caso em que um delles seja atacado de lepra; porém raras vezes acontece que as mãis tenham o trabalho de regular o futuro conjugal de seus filhos nascidos ou por nascer; na marcha ordinaria das cousas, se os filhos não se entremettem nos preliminares de seu casamento, menos ainda se occupão os pais: este trabalho fica a cargo de correctores, de agentes de casamentos; pois essa industria, ainda na infância entre os povos da Europa, e á qual não se recorre por assim dizer se não em causas desesperadas, é das mais activas na China, onde é exercida pela acção simultânea dos dous sexos. Quando os correctores e correctoras encontrão o que mutuamente lhes convém, e tendo

os pais adherido a suas proposições, procede-se, em dia marcado pela fortuna, á celebração dos esponsaes.

Consiste esta cerimonia na permutação de presentes que os medianeiros levão em cestas á casa dos noivos. As cestas offerecidas á futura devem conter, uma, frutas e piastras arrumadas em montes em quatro cantos; outra, uma perna de porco fresca de pezo de 12 libras, pouco mais ou menos, e a terceira, uma certa quantidade de aletria. Quando pela bulha dos foguetes, os visinhos têm noticia da chegada dos portadores dos presentes, a futura apresenta-se á porta de um quarto allumiado por velas encarnadas; recebe os presentes e distribue fatias de porco por todos os assistentes. Ao mesmo tempo levão igualmente presentes á casa do noivo que consistem sobre tudo em fructos divididos em 16 porções; além disso recebe de sua futura sogra alguns presentes pequenos, e particularmente pevides de abóbora seccas ao sol. Mas estas sementes de abóbora custão-lhe um pouco caro, porque o uso o obriga a dar em troca a seu sogro uma certa somma de dinheiro que se considera como preço da mulher que lhe vão entregar. Esta somma, variável entre 84\$ e 150\$, é tão rigorosamente dividida, que

— 196 —

a noiva não é entregue ao noivo enquanto não tem pago toda a divida. Preenchidas estas formalidades os medianeiros consultão os astrologos, afim de escolher um dia propicio para a nupcia; e a pezar de tudo nunca deixão de munir-se, para o que puder acontecer, de um pedaço de porco fresco destinado a distrahir e divertir, durante a cerimonia, o demonio (sempre representado com a figura de um tigre) para que este todo absorvido nas delicias do pedaço de porco, esqueça os esposos e não cuide de fazer-lhes algum malificio.

No dia convencionado, começa a noiva por enfeitar-se,



UMA SENHORA CHINEZA.

sendo objecto mais notavel e essencial um immenso chapéo, em fôrma de açafate; que, envolvendo toda a cabeça e escondendo o rosto, cahe-lhe circularmente até á cintura; depois de assim encoberta, mettem-na em um palanquim escrupulosamente fechado, porque o ponto capital é que ella não veja nem seja vista. O cortejo, cuja pompa e marcha é regulada pelos medianeiros, vai depois lentamente caminhando e com apparato lugubre—a etiqueta exige que quantos acompanhão a noiva solucem com toda a força dos seus pulmões.

Quando a procissão se approxima da casa do noivo, destaca-se um correio que vai annunciar a chegada da noiva, gritando com voz grossa: *ahi vem ella! ahi vem ella!* Immediatamente tocam-se trombetas, atiram-se foguetes, acompanhamento obrigado de todas as solemnidades na China, e o noivo corre a trancar-se, o mais depressa que póde, em seu quarto. Os medianeiros, a quem elle deve receber com admiração, com indifferença, e como se não soubesse o que lhe querem, vão buscal-o e conduzem-no ao palanquim. Aqui deve elle testemunhar grande emoção; abre tremendo o palanquim, ajuda a noiva a descer, e a conduz a uma mesa na qual toma logar defronte della. Depois do banquete, que o não é nem para o noivo nem para a noiva mettida em seu enorme chapéo, e que porisso não póde levar um bocado á boca, os esposos se retirão sós para uma sala. É este para o marido um momento solenne, por ser então somente que elle póde levantar

— 197 —

o mysterioso chapéo, contemplar pela primeira vez as feições de sua companheira, e julgar se o acaso o serviu bem ou mal. Quaisquer porém que sejam suas impressões, elles as guarda comsigo, e não deixa ver á sua mulher senão amavel satisfação. Esta primeira prova serve para preparar a noiva para uma segunda crise, mais temivel e ainda mais cruel para ella. Quando o noivo tem terminado seu exame, todos os convidados são admittidos por seu turno a fazer o seu e a pronunciar seu juízo, que elles formulão com extrema franqueza; a etiqueta que obriga o marido a dissimular, os autorisa pelo contrario a fallar com inteira liberdade. É raro que se não abuse da permissão, e que alguma mulher contra a qual foi severa a critica em igual occasião, não aproveite esta para desforrar-se e dar sahida ao seu antigo rancor. Durante toda esta exposição a victima que nossa gravura representa sofrendo seu supplicio, é condemnada a silencio rigoroso, e a estoica impassibilidade, embora sejam vivos e mordentes os gracejos dirigidos contra ella. Muitas inimizades principião a datar dessa hora de dores, e a nova esposa vai mentalmente tomando muitas notas para exercer em tempo represálias cruéis.

As outras ceremonias nupciaes, que se preenchem com a mais triste gravidade, em despeito da bulha executada por músicos e das forças representadas



CASAMENTO CHINEZ.

por pelotiqueiros, não offerecem cousa digna de notar-se, a não ser talvez os cuidados minuciosos que tomão os esposos para esconder seus vestidos quando se despem, porque o uso autorisa os convivas a pôr em pratica tudo para furtal-os, sendo nesse caso necessário resgatal-os a dinheiro. Apesar de serem enfadonhas e onerosas ás testemunhas as solemnidades nupciaes, nem por isso deixa de ser honra muito desejada a admissão para assistir a estas ceremonias. Ninguém pôde apresentar-se sem ser convidado em fórmula, isto é, se não recebeu, por bilhete de convite, uma grande folha de papel encarnado, cujas dobras são combinadas de maneira a representar uma duzia de cartas, sem comtudo haver uma só letra escripta.

Estes casamentos chinezes assim feitos não recebem, por uma rara excepção, consagração alguma, nem das leis humanas, nem da religião; apenas se envolvem algumas idéas supersticiosas. Nenhum sentimento de ordem elevada preside á consagração

de um acto tão importante na vida. Para os correctores, para os parentes, para os esposos, para os convivas, o casamento não passa de um negocio, de uma especulação, na qual cada um procura dar menos e receber mais. Neste dia triste começa muitas vezes para a mulher chinesa, assemelhada a uma mercadoria, vendida e comprada como tal, uma vida de escravidão e de misérias, á qual frequentemente se subtrahе pelo suicidio.

Extrahido.

UMA NUVEM NO CÉO.
(PAGINAS DE UM POBRE ALBUM.)

*Divina J..... Se o amor é o unico genero de gloria
permettido ás mulheres, gloria-te; nunca mulher alguma
foi, ou será amada como tu: a esphera de teus méritos é
infinita, a do meu amor tem igual diametro.*

A. F. de Castilho.

Flores emmurchecidas que sem os cuidados de mão cultivadora nascerão, crescerão, e definharão-se ao lado dos erriçados cardos, e á sombra dos silvestes espinheiros! Lagrimas ardentes, vertidas no ceio da solidão por sobre umas faces subtrahidas aos olhos do mundo, como gotas do orvalho matutino nas palmeiras do deserto. Flores sem aroma, lagrimas desconhecidas.... eis as páginas do meu album.

O viajor transviado, fatigado pela jornada, pelos ardores do sol, segue alfim a certa vereda que o vai conduzir ao esgalhado jaqueitiba que o abriga com o seu tecto de verdura. A avesinha fugitiva encontra n'um tenue raminho, um logar onde suspenda o seu ninho; e bem como o viajor transviado, e como a avesinha fugitiva, tudo encontra um abrigo.... tudo! E só o meu album não visto pelos teus olhos, morrerá talvez como o proscripto em terra de estrangeiros.

Ah! eu quizera, mysteriosa, quizera, virgem melancolica de olhos magneticos, levar-te commigo ás velhas ribanceiras; para a teu lado ouvir o fragor das vagas quebradas á meia noite sobre as rochas escarpadas. Quizera contemplar commigo a magnifica lua do Janeiro reproduzindo-se nas aguas aljofradas; ou estendendo o seu véo de prata sobre a fimbria dos rechedos. Ver no esmaltado firmamento a estrella mais luzente, aquella que como o facho da

esperança scintilla sempre que, esquecidos de mim, os meus olhos a procurão! Eu saberia ler o teu nome no céu, e tu mostra-me-hias talvez o meu em uma pagina sem titulo do album do peregrino! Quizera divagar contigo pelos prados matizados, quando ainda as colteirinhas entre as ervinhas dos campos, esperassem pelo albor matutino, para então saltitarem de ramo em ramo, e de flor em flor. — Quizera!..! porque, se as flores são indubitavelmente dos prados, se as estrellas são do céu,—mysteriosa, virgem de olhos magneticos—tu és do meu coração!

Mas dormes talvez, e mesmo que assim não fosse, sei que os idolos permanecem em seus altares, e não seguem aos seus adoradores.

Dorme pois, minha virgem, que certamente não dormirá tão meigo o lyrio nas campinas, nem o mythologico amor no regaço materno. Dorme, porque dormindo, tu não ouvirás o zombeteiro mocho piar sarcasticamente sobre a cruz do sombrio campanario! Dorme, porque nesta hora o —alerta— das sentinellas não deve echoar em teus ouvidos! e porque não é para ti que acabou de soar a hora da vigilia.... Sê tranquilla, minha virgem!

Afaguem-te a imaginação os gênios da poesia, e com finos pinceis te retratem o quadro onde cercada de meigas caricias, a ternura repousa. Possão as auras amorosas passando em silencio pelo vão da tua janella; perpassarem brandamente pelos teus cabellos dispersos ao acaso, e espalhal-os preguiçosos pelo teu collo de neve! Possão não despertarem-te as ficções de um magico sonho, ou o estremecimento de um ósculo fraternal! E se um anjo, ou uma fada penetrando o sanctuario onde repousas, furtar-te ao gozo do benefico somno, seja para Deus o teu primeiro pensamento! Seja, porque se por ventura, uma lagrima for preciso para o amor, e uma saudade para o coração, ah! minha virgem! não vertas essa lagrima, nem soffras essa saudade, porque para chorar e para soffrer, bastão os meus olhos, e o meu coração!

Mas, é de balde que a imaginação procura ver-te sobre o teu brando leito nos braços do somno, e á pallida luz de uma amortecida lamparina. Uns sons delirantes como que me ferem os ouvidos, e buscão-me incomprehensivelmente para morrerem em torno de mim! São as ultimas, são as perdidas notas de uma musica que — de lá — se confundem aqui com os queixumes das vagas!

Fechemos os olhos..... Não é isto o templo das artes, ou o theatro, o que agora se me apresenta á phantasia?.... Deves estar ahi ante uma multidão compacta, louca e frenetica, ou ante a calma, a indifferença, e o scepticismo.

Afigura-se-me ver entre essa multidão, buscarem-te os olhos de algum optimista, ou de algum sentimentalista, que julgando tocar a méta do sublime, acreditará ver em ti a Mettelli de Walter Scott, ou proclamar-te-ha a Rosalinda de Shakspear. E que, vendo-te entre aquellas que te seguem sempre, entre essas virgens felices e festivas, como o candido jasmim entre as bellas

e vivaces rosas, descuido-so julgar-te-ha um modelo do Ticiano, uma virgem do Perugino, uma inspiração de Rembrandt, ou uma santa de Rubens. E sem mais commentarios, volvendo-se para uma outra, e buscando talvez um improvável,

— 199 —

acreditará então vaidoso, ter encontrado a sua pedra de Sisypho!

Virgem para ti não póde haver comparação. O sol não se compara com outro sol, nem a inspiradora lua com outra lua, por que para elles não se encontram semelhantes.

Mas deves estar ahi, feliz, no templo das artes.... Ah! será tão mysteriosa, e tão magestosa a felicidade, que o ser engolfado nella, não saberá mesmo, como comprehender a existência de um coração desventurado? Uma lágrima será sem expressão? Uma dor sem causa? E uma saudade, palavra que se escreve, porem que não significa cousa alguma?....

Devem de ser bem diversos os nossos pensamentos nesta hora solemne! Tu satisfeita e feliz ante uma brilhante reunião; e eu solitario prisioneiro longe de tudo o que mais amo! Tu entre sorrisos que serão flores; eu submerso em dores que produzem lagrimas! Lá, a vida que floresce; aqui a existencia que fenece! É o contraste singular entre o baile e o sepulchro.

Mas antes de tudo, oh! virgem dos meus sonhos! comprehendo que neste momento eu vélo, e que tu não dormes!

(Continúa.)

POESIA.

A MINHA LYRA.

Como é triste a minha Lyra!

Seus accordes tristes são!..

Amo — sem ser amada,

Dão-me só ingratidão! —

Sósinha no mundo andava,

Era a Lyra o meu amor;

Nos cantos que modulava

Tinha da vida o penhor.

Mas amei, — no coração

Cresceu chamma dolorosa;
E hoje com esse amor
Sou infeliz — desditosa!!

Só tenho dentro do peito
Do meu socego a lembrança;
Que—amada—seja um só dia,
Nem se quer tenho esperança!

Como é triste a minha Lyra!
Seus accordes tristes são!
Amo — sem ser amada,
Dão-me só ingratidão! —

E. Adelaide da S. Pinto.

UMA CADEIRA VASIA.

Uma cadeira vasia é uma cousa tão simples e natural, que aquellas de minhas leitoras que só lerem o titulo deste artigo, parecerá insignificante e quem sabe se enxabido?

No entanto para mim uma cadeira vasia, em certas circumstancias, tem a mesma expressão que se me arrancassem um pedaço da alma, me cortassem um sonho de venturas, me distrahissem um pensamento inspirado, me dilacerassem as fibras do peito, rasgassem-me o coração, desconhecessem-me um sentimento, descresem de um juramento meu! E que ás vezes uma cadeira vasia exprime mais para mim, do que um altar sem imagens, um céu sem azul, uma nagem sem côr, uma estrella sem brilho, uma flor sem perfume, um jardim sem matiz, uma harpa sem cordas, uma nota sem som, um canto sem harmonia, uma capella deserta, um anjo sem azas, uma moça sem pudor, e um amor sem crença! Oh! nessas vezes a cadeira que fica vasia deixa ir com o ser que a accupava, uma alma estremecida de ansiedades, um coração cheio de amor, e um amor todo ciumes!

E eu posso fallar que já tive umas vezes como essas. Defronte de mim, em uma cadeira eu já vi alguma cousa que me fascinava com seu brilho e que me enlanguencia com sua ternura.

Para dizer que era uma fada.... não acerto, a fada podia ter a sua belleza e o seu brilho, a sua graça e o seu encanto, mas aquelle olhar tão plácido a reflectir o céu, aquelle perfume de

poesia que exhalava, aquella magia, aquella nuvem vermelha de pudor e frescura que lhe afogueava as faces pallidas, aquella

— 200 —

arfar ancioso de seu seio quando eu lhe fitava os olhos, não, só se ha fadas de innocencia e de pudor, essas duas estrellas do céu da virgindade, essas duas flores do Jardim da poesia!

Para dizer que era um anjo? Eu já ouvi dizer que não ha anjos sem azas, no entanto eu sentia que ella se aproximava mais do espaço, das nuvens, das estrellas do céu, do que desta athmosphera tão pesada, desta terra tão cheia de miserias, destes jardins tão despidos, deste mundo perdido entre a descrença e o martyrio, desta vida a correr entre as lagrimas do soffrimento e os risos da perdição. Eu bem parecia ver o céu em suas faces, as estrellas em seus olhos, as nuvens rosadas no carmim de seus pudores, o som das harpas celestes na harmonia de suas fallas, as graças do paraíso no deleixado dos gestos, a pureza da Virgem na castidade de seu seio, e na pureza de sua alma um reflexo de Deus! Mas os anjos não desmentem suas juras, nem deslembirão protestos.

Para dizer que era uma mulher? Talvez, é certo não uma mulher como todas, uma mulher especial, que nem pertence ao céu nem á terra, que nem é anjo do espaço, nem fada das fontes, nem é flor nem estrellas, mas tudo isso reunido, resume em si todas as perfeições da natureza, tudo o que é bello, tudo o que encanta, tudo o que embriaga, tudo o que enlouquece, tudo o que póde dar vida, e tudo o que póde dar morte! Era uma moça! Era o ente magico, que me resumia a vida do presente e as crenças do futuro, o amor e a religião, ella e Deus! o unico por quem deslembra as agonias da vida e as ambições de gloria, as dôres da existência e o descanso da alma, as affeições de meu peito e meus sonhos de poeta, a terra e o céu, o corpo e a alma, a vida e minha mãe! A quem eu só poderia dizer como o poeta:

Por ti sonhando morrerei de amores

Por ti de amores morrerei cantando!

E que saudades que eu tenho desse tempo! Como eu achava doce o pungir dos espinhos mas adoçados pelo mel de seus lábios, como sorvi descuidado o perfume venenoso dessa flor zelosa! Como deixei-me adormecer aos cantos dessa sereia encantadora! Mas eu tenho saudades desse tempo, foi n'uma noite de despedida, eu fui a uma casa dar meus ultimos adeoses, partia, e ella estava defronte de mim sempre bella como a aurora do dia, pallida como uma açucena, languida como o lyrio sob as perolas do orvalho, indifferente como uma estatua de neve!

Mas estava defronte de mim, eu estava contente, enquanto a via, vivia; as luzes da sala não reflectir-se pallidas no brilho sereno de seus olhos; e eu procurava debalde em seu rosto uma fibra que estremecesse, uma onda de carmim que inundasse as faces e molhando-lhe os olhos lhe dependurasse uma gotta no cilios. E ella sempre fria e impassivel como uma figura de marmore!

Algumas horas se passarão em conversações frivolas que mais indicavão pretexto que interesse. Se alguém notasse veria a anciedade com que eu esperava uma palavra de seus lábios, e que essa palavra versasse sobre minha conversação, isto é á minha partida. E ella muda como a lousa de um sepulchro, distrahida como uma borboleta entre flores. Chegou a hora final, a visita já estava longa de mais, dirigi-me para ella inda uma vez a interrogar sua alma suppliquei-lhe com os olhos, roguei-lhe na anciedade de minha respiração, no afoguedo da faces, na impaciencia dos gestos, e quando eu esperava um lenitivo a minhas dores, um gesto que me aplacasse, um olhar que me desse animação.... levantou-se, encaminhou-se para um corredor interno, acompanhei-a com a vista, com a alma, com o desespero com o ciúme, e os olhos se me enublarão, a voz prendeu-se-me na garganta, a alma escureceu-se-me, as luzes desaparecerão de minha vista, a cabeça rodou-me n'uma vertigem, só vi *uma cadeira vasia*! Era a cadeira que ella tinha occupado, era o altar onde eu estava adorando a minha imagem, era o céu onde eu revia a minha estrella, era o leito de meu sonho! E a imagem e a estrella se sumirão, e sonho desfez-se mas ficou gravada para sempre esta recordação constante, esta dôr eterna, esta saudade que não morre, esta tortura de tantos instantes, esta morte de cada momento, ella que desapareceu-me para sempre, e sempre *aquella cadeira vasia*!

B.

MEIO DE TIRAR NODOAS DO FACTO DE LÃA.

Para limpar vestidos de meriuó, cassa de lã, etc., descosão-se e tirem-se-lhe cuidadosamente os pontos e cubrão-se as nodoas com sabão rijo. Feito isto, deitão-se seis onças e meia de farinha de mostarda em quatro canadas de agua a ferver por espaço de dous minutos, depois deixa-se esfriar até que se possa metter a mão. Deita-se esta agua por cima do vestido dentro de um alguidar: ensaboa-se bem com ella particularmente nos sitios das nodoas; lava-se em seguida em muitas aguas até sahir a ultima bem clara, estende-se n'uma corda que não suge. Estando bem secca a peça do vestido, cubra-se com um lençol molhado e passe-se a ferro.

As casacas e sobrecasacas limpão-se esfregando a gola e as nodoas com sabão escuro e depois com uma escova de palha de arroz, ou de substancia vegetal semelhante, molhada em agua de saponaria.

Sahirão á luz e vendem-se nesta Typographia os dous romances — A CONFISSÃO DE UM SUICIDA e UM AMOR DE MULHER, em um só volume de mais de 200 paginas pelo preço de 1\$000.

Typ. do *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.